

LICÃO 7 – A ATUALIDADE DOS CONSELHOS PAULINOS

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Comentários introdutórios:

- A partir desta lição 7, adentramos na chamada “parte prática” da epístola de Paulo aos filipenses, em que o apóstolo já inicia recomendando algumas condutas àqueles crentes.
- Os conselhos dados pelo apóstolo não se circunscrevem aos crentes de Filipos, mas revelam como deve ser o comportamento de quem tem uma genuína e autêntica vida cristã.
- Esta “parte prática”, que abrange os capítulos 3 e 4 da epístola, inicia-se com uma afirmação do apóstolo que deveriam os crentes de Filipos se alegrar no Senhor, ensino este que Paulo revela já ter dado aos filipenses no passado, mas que não se cansava de repetir, pois seria segurança para aqueles irmãos (Fp. 3.1).

Texto áureo:

FILIPENSES 3

1a Resta, irmãos meus, que vos regozijeis no Senhor.

- Este versículo será comentado abaixo, junto com a leitura bíblica em classe.

Texto da leitura bíblica em classe:

FILIPENSES 3.1-10

1 Resta, irmãos meus, que vos regozijeis no Senhor. Não me aborreço de escrever-vos as mesmas coisas, e é segurança para vós.

- A expressão inicial deste versículo (“resta, irmãos meus”), no original grego, é *to loipon*, traduzido também como “finalmente”. Ela sugere que Paulo estava concluindo sua carta, mas ainda havia algo importante a dizer aos irmãos da igreja em Filipos, e daí começa ele a parte prática da epístola, como adiante veremos. Mas essa expressão também pode sugerir a ideia de “em conclusão de tudo o que foi dito”.
- Regozijar-se é alegrar-se. O crente deve alegrar-se no Senhor, deve ter sua alegria baseada em Cristo. Lembremos que “a alegria do SENHOR é a vossa força” (Ne. 8.10).
- Esta é a sétima alegria mencionada na carta, qual seja, a “alegria de estar em Cristo”. Quando Cristo estava se despedindo dos Seus discípulos logo antes do Seu suplício, Ele lhes falava muito em alegria. Disse-lhes: “Assim também vós agora, na verdade, tendes tristeza, mas outra vez vos

verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar” (Jo. 16.22). Paulo era exemplo vivo desta verdade pois, quando tudo lhe era contrário então era que o seu coração transbordava de alegria.

- Se soubéssemos o que realmente significa “estar em Cristo”, se jamais nos esquecêssemos o significado de pertencermos à Igreja, certamente não daríamos tanta vazão a sentimentos de tristeza, decepção, angústia e tantas outras coisas que tumultuam a nossa vida sobre a face da Terra. Se estamos em Cristo, se desfrutamos de comunhão com Ele, não há motivo senão para nos alegrarmos na Sua presença, pois, mesmo não merecendo, estamos marchando para Sião, para a Jerusalém celeste, para, em glória, termos a companhia do Senhor para todo o sempre. Quem tem esta noção sabe, claramente, que as aflições do tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada (Rm. 8.18). Ou seja, alegrar-se no Senhor não é estar livre de todas as preocupações e aflições da vida, mas é estar feliz em meio a elas.

- Não é por outro motivo que o apóstolo, mesmo aprisionado e correndo risco de vida, era capaz de não só demonstrar, mas de transmitir alegria aos crentes de Filipos, porque muitos salvos, ainda hoje, mesmo em situações extremamente delicadas, quando são visitados por outros para ser consolados, acabam por consolar os seus visitantes. É a presença da “alegria em Cristo” na vida daqueles que são salvos.

- Por precaução, Paulo revê as noções básicas com os crentes filipenses. A Bíblia é a nossa salvaguarda, tanto moral como teleológica. Quando a lemos, individualmente ou em público, ela nos alerta para as correções que devemos fazer em nossos pensamentos, atitudes e ações. Portanto, não devemos deixar de ler a Bíblia sob o argumento de que já conhecemos o seu conteúdo. Sempre haverá algo novo a aprender com a leitura da Bíblia e, mesmo o que não nos é novo, servirá de alerta e correção.

- Deve-se notar que Paulo era avesso a “novidades”, preferindo repetir sempre as mesmas doutrinas. Paulo sabia que a Palavra deveria ser ensinada sempre, em todo instante, de modo repetitivo, exaustivo, pois, sem a Palavra, não pode haver segurança na vida espiritual. Todo e qualquer pessoa comprometida com o apascentar do povo de Deus não pode ter outra conduta senão a de sempre ensinar as mesmas coisas, de dizer as mesmas coisas, pois a Palavra de Deus não muda (1Pe. 1.25), já que é testemunha de Cristo (Jo. 5.39), é a Verdade, que é o próprio Cristo (Jo. 14.6; 17.17) e, como tal, é a mesma ontem, hoje e eternamente (Hb. 13.8). Quantos, entretanto, em nossos dias, já não mais ensinam a Palavra de Deus, buscam trazer “inovações”, “novidades” a fim de “prender a atenção” e “atrair” pessoas, esquecidos de que o verdadeiro e genuíno servo de Deus não se aborrece com as “mesmas coisas”, pois o Evangelho é o mesmo.

- Apesar de toda a sua erudição, Paulo não tinha outro objetivo senão “escrever as mesmas coisas” para as igrejas, pois seu foco era trazer “segurança” para os cristãos, para os servos do Senhor. Somente se tem segurança quando se ensina a Palavra de Deus, quando se constrói a vida na rocha, que é Cristo (Mt.7.24,25; 1Co.10.4).

- Não consta que Paulo tenha escrito outra carta à igreja de Filipos. Portanto, “escrever-vos as mesmas coisas” significa que Paulo escreveu aos filipenses as mesmas doutrinas que pregara pessoalmente na igreja de Filipos e que escrevera às outras igrejas.

2 Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão!

- Apesar de termos a “alegria em Cristo”, que ninguém nos pode tirar, ainda estamos neste mundo (Jo.17:11) e, diante desta realidade, o apóstolo, mostrando mais uma vez que o verdadeiro cristão deve estar sempre atento à realidade e jamais se deixar levar por ilusões, recomenda aos filipenses que deveriam ter uma atitude de vigilância, de prudência, enquanto estivessem em sua peregrinação terrena.

- Não podemos nos iludir com um falso “triumfalismo”. Se é verdade que ninguém pode tirar a nossa alegria em Cristo, se é verdade que, estando em Jesus, estamos livres do poder do maligno, não podemos nos esquecer que nosso processo de salvação somente findará com a glorificação, a se dar única e exclusivamente no dia do arrebatamento da Igreja, de modo que precisamos nos manter fiéis e em constante vigilância até aquele dia ou quando formos promovidos para a eternidade. É este, aliás, o ensino de Nosso Senhor e Salvador: “E as coisas que vos digo digo-as a todos: Vigiai” (Mc. 13.37).

- Por isso, além de uma vida de intensa busca a Deus, o cristão deve tomar algumas precauções, a fim de não se contaminar com o mundo e o pecado. Temos, portanto, um “lado de abstenção” que a vida com Deus exige. É precisamente este o sentido da expressão “guardai-vos” deste versículo. Como ensina Champlin, a expressão grega original é “blepete” (βλέπετε), “...verbo de uso comum que significar ‘ver’, embora também usado com o sentido de ‘considerar’, ‘observar’, ‘dirigir a atenção para’ ou, mais forte ainda, ‘acautelar-se’...”.

- Os judeus são aqui chamados de três coisas: 1) cães, mesmo nome que davam aos outros (Mt. 15.26-27); 2) maus obreiros, mestres judaizantes; 3) circuncisão, do grego *katatome*, empregado somente aqui, mas o verbo *katatemo* aparece na Septuaginta para descrever mutilações dos pagãos (Lv. 21.5; 1Rs. 18.28). Paulo iguala a circuncisão a práticas pagãs.

- A maior provação de Paulo era a tristeza que sentia e experimentava por causa dos que distorciam o evangelho de Cristo. Seu amor a Cristo, à igreja e à verdade redentora, era tão forte que o levou a opor-se energicamente àqueles que pervertiam a doutrina pura, e a descrevê-los como “cães” e “maus obreiros” (ver Fp. 1.17; Gl. 1.9; Mt. 23).

- Tal ensino do apóstolo não era nenhuma inovação, pois o próprio Senhor Jesus, no sermão do monte, já havia ensinado Seus discípulos a que “não dessem aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas” (Mt.7:6).

- Naturalmente, que não está aqui o apóstolo nem tampouco o Senhor Jesus a se referirem aos animais conhecidos como os “melhores amigos do homem”. Para bem entendermos esta expressão bíblica, devemos nos remeter à cultura judaica. Quando o Senhor Jesus fala em cães e porcos, devemos observar que ambos eram animais imundos, segundo a lei dos judeus (1Rs. 21.19; 22.38; 2Sm. 3.8; 9.8; Mt. 25.26; Ap. 22.15). Esses animais são símbolos de certos tipos de homens. Há várias ideias sobre isso: 1. Os hereges (cães); os inimigos (especialmente no sentido religioso); os indivíduos hostis (os porcos). 2. De acordo com Agostinho, os perseguidores hostis (cães); os indivíduos imundos, sem sentimento algum de santidade (porcos). Paulo se referiu a homens assim: ‘... para que sejamos livres dos homens perversos e maus; porque a fé não é de todos’ (1Ts. 3.2). Os escritos judaicos falam de alguns homens como se fossem animais imundos e desavergonhados. Provavelmente Jesus pensou em tais referências ao proferir essas palavras. A experiência humana confirma o fato de que alguns indivíduos se encontram em nível mais baixo que aquele ocupado pelos animais, devido às suas ações violentas e amorais.

- Deve notar no texto o artigo definido (“dos cães”), deixando evidente que o apóstolo destacava um grupo particular de homem religioso, os quais deveriam ser vigiados

especialmente, para que suas doutrinas e suas práticas não viessem a macular a pureza da comunidade cristã de Filipos. De acordo com a lei levítica, o cão era um animal imundo; era um termo comum entre os judeus, como designação de gentios. O cão era reputado animal de pouco valor; o preço de compra de um deles era equiparado com o preço do uso de uma prostituta. Um israelita não podia fazer penetrar na casa de Deus nem os cães e nem as prostitutas, porquanto isso seria considerado uma abominação, segundo se lê em Dt. 23.18 (ver o termo “cão”, usado em Mt. 15.27, para indicar os gentios, como mencionamos acima). O trecho de Ap. 22.15 menciona que os “cães” ficarão fora da cidade celestial; e isso indica os corruptos. Nos escritos de Homero esse termo é usado para falar de pessoas audazes e desavergonhadas, especialmente mulheres.

- Mas, além dos “cães”, o apóstolo também nos manda guardar dos “maus obreiros”. Paulo já havia se referido a eles no início da carta, ao dizer que alguns estavam a pregar o Evangelho por inveja e por porfia, querendo acrescentar mais aflições ao apóstolo (Fp. 1.15,17). Vemos, pois, que, já naquele tempo, havia, na igreja, os “maus obreiros”, pessoas que estavam a se ocupar do ministério da palavra mas que não o faziam puramente, sendo dominados pelas obras da carne, tais como invejas, porfias e contencões. Por isso, o Senhor Jesus nos manda observar os frutos daqueles que dizem servir a Cristo, pois há aqueles verdadeiros lobos que estão travestidos de peles de ovelhas (Mt. 7.15-16).

- Tais “maus obreiros”, sempre existentes no meio das igrejas locais, aumentaram em número em nossos dias, pois isto é mais um sinal da proximidade do arrebatamento da Igreja (Mt. 24.11; 2Pe. 2.1-3). Por isso, a presença e descoberta de “maus obreiros” entre os cristãos não deve ser um fator de desestabilização de nossa fé em Jesus Cristo, pois tais escândalos são inevitáveis (Mt. 18.7). O que não podemos é seguir as dissoluções destes “maus obreiros” (2Pe. 2.2), a fim de não ser por eles enganados e, assim, retornemos ao erro de que estávamos nos afastando desde o instante em que passamos a servir a Deus (2Pe. 2.18), não nos deixando levar pelo “discurso da liberdade” que estes servos do pecado e da corrupção andam alardeando (2Pe. 2.19).

- Ao contrário do apóstolo Paulo, estes “maus obreiros” são peritos em anunciar “novidades”, em ser atraentes e em fazerem coro com aqueles “maus sacerdotes” dos tempos de Malaquias, onde tudo “não fazia mal” (Ml. 1.8). Tomemos cuidado com estes “facilitadores”, com estes “crentes modernos”, que nada mais são que “maus obreiros”, de quem devemos nos guardar se quisermos terminar com êxito a nossa jornada terrena.

- Os cães e maus obreiros eram, provavelmente, os judaizantes (embora Champlin diga que está em foco no texto o caráter moral dos falsos mestres, sem importar se eram “judaizantes” ou não, em contraste com a pureza que se espera nos verdadeiros crentes), judeus cristãos que acreditavam, erroneamente, ser essencial aos gentios a obediência a todas as leis judaicas do Antigo Testamento, especialmente a submissão ao rito da circuncisão, a fim de receberem a salvação. Muitos judaizantes estavam motivados apenas pelo orgulho espiritual. Por terem investido tanto tempo e esforço para conservar suas leis, não podiam aceitar o fato de que todos esses esforços não os levariam a um passo mais próximo da salvação.

- Precisamos ter cuidado para não nos comprometermos com pessoas que não têm temor a Deus, que não se respeitam nem consideram as coisas santas, as coisas de Deus, pessoas que menosprezam o que é sagrado, que não levam em conta os ensinamentos da Palavra de Deus, que vivem como se Deus não existisse e cuja religiosidade apenas reflete a sua vontade e não a vontade de Deus. Estes são os “cães”, pessoas que rejeitam os ensinamentos e a autoridade do Senhor e que não podem mudar nossa mentalidade e nossa maneira de viver temente a Deus.

- Paulo criticava os judaizantes por interpretarem o cristianismo de modo errôneo – acreditavam que o que os tornava crentes era seu ato (a circuncisão – isto é, cortar ou mutilar a carne), e não a dádiva da graça recebida gratuitamente de Cristo. Aquilo que os crentes fazem é resultado de sua fé, não um pré-requisito para a fé. Isso havia sido confirmado pelos primeiros líderes da igreja no Concílio de Jerusalém, onze anos antes (At. 15).

- Quem seriam os judaizantes de nossos dias? São aqueles que dizem que as pessoas devem acrescentar algo mais a uma simples fé. Ninguém deve acrescentar nada à oferta da salvação feita por Cristo, pela graça, pela fé. Para sermos salvos, basta crermos em Cristo como nosso salvador, simples assim; nada mais é preciso. Qualquer acréscimo que se pretenda fazer a isto é estratégia maligna para dificultar aquilo que Deus nos oferece gratuitamente.

- É fácil colocar mais ênfase no esforço humano do que na fé interior; mas, acima de tudo, Deus valoriza a atitude de nosso coração. Não julgue a espiritualidade dos outros pela forma como cumprem suas obrigações ou pelo nível de atividade humana. E não pense que satisfará a Deus se apenas fizer a Sua obra, mesmo que de modo fervoroso. Deus conhece tudo aquilo que fazemos por Ele, e somente irá recompensar-nos por isso se nossas atitudes forem uma resposta amorosa à dádiva que o Senhor nos concede gratuitamente: a salvação.

- O termo grego aqui traduzido por “circuncisão”, como empregado por Paulo, significa “mutiladores do corpo” e refere-se ao rito da circuncisão segundo o ensino dos falsos mestres judaizantes, afirmando que o sinal da circuncisão conforme o Antigo Testamento era necessário à salvação. Paulo declara que a verdadeira circuncisão é uma obra do Espírito no coração da pessoa, pela qual o pecado e o mal são cortados (Fp. 3.3; Rm. 2.25-29; Cl. 2.11).

3 Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne.

- Paulo aborda 4 pontos a respeito dos cristãos neste versículo: 1) a verdadeira circuncisão (Rm. 2.29); 2) a adoração em espírito (Jo. 4.24); 3) o gloriar-se em Cristo (Fp. 3.1; 4.4; 1Pe. 1); 4) o não confiar na carne (Fp. 3.4; 2Co. 5.16).

- Neste versículo nos são oferecidos os sinais da verdadeira circuncisão. Trata-se de uma adoração espiritual, mediante a presença habitadora do Espírito Santo, que nos é conferida por ocasião da regeneração e, em porção especial, mediante o cumprimento pessoal da promessa de Cristo. A circuncisão consiste de nos gloriarmos de Cristo, de não confiarmos na carne (com o que Paulo quis indicar que não confiamos nas obras da lei, mediante o que o indivíduo supostamente obteria mérito ante os olhos de Deus).

- Em uma declaração lata e geral de Paulo, fica sumariada a fé cristã, nos seus pontos essenciais, em contraste com o judaísmo e com qualquer outra religião. Paulo chamou os falsos obreiros de mutilação, e agora identifica a verdadeira circuncisão, a saber, a do coração, mediante a vida carnal é abafada e a santidade autêntica é produzida (ver Rm. 2.29). A “verdadeira circuncisão” é uma expressão que designa os crentes (ver os trechos de Lv. 26.41, Dt. 10.16; 30.6; Jr. 6.10; 9.25-26 e Ez. 44.7, quanto a referências do Antigo Testamento que requerem a circuncisão espiritual, e não meramente a física). Mediante essas passagens se vê que Paulo não inventou nenhuma nova ideia acerca da necessidade da transformação espiritual, que é apenas simbolizada pelo rito e operação externos da circuncisão.

- A adoração espiritual, a adoração efetuada no Espírito, deve caracterizar o verdadeiro crente. Quanto a isso, convém que consideremos os pontos seguintes: 1. Os crentes servem ao Senhor por impulso divino. 2. Os crentes são aqueles que têm um contato genuíno com Deus, através do Espírito Santo, o que significa que há um elemento místico na fé deles, provavelmente expresso especificamente mediante o uso dos dons do Espírito Santo. 3. Os crentes vivem sob a direção do Espírito Santo (ver Rm. 8.14). 4. Os crentes possuem a presença residente do Espírito de Deus (ver Ef. 2.21-22). 5. No Espírito Santo os crentes têm acesso a Deus Pai (ver Ef. 2.18). 6. Portanto, os crentes são agora a nova comunidade de Israel, parte da família de Deus (ver Ef. 2.19).

- Os crentes verdadeiros, que se caracterizam pelos pontos acima discriminados, são aqueles que adoram verdadeiramente a Deus, por não se mostrarem hipócritas ou teatrais. Pois aquele que adora a Deus deve fazê-lo mediante a agência do Espírito Santo (ver Jo. 4.24).

- “Servimos”, no original grego, é *latruo*, que originalmente significava “servir por aluguel”, donde lhe veio o sentido simples de “servir”. Nas páginas do Novo Testamento, essa palavra é usada para indicar o serviço ritual, tal como se vê em Hb. 8.5; 9.9; 10.2 13.10, como também indica a adoração ou o serviço em geral (ver Lc. 1.74 e Rm. 1.9). Por sua vez, na Septuaginta (tradução do original hebraico para o grego), esse vocábulo é empregado para falar do serviço prestado a Deus pelos autênticos israelitas, em contraste com a adoração vã dos pagãos a seus deuses falsos. Deus deve ser adorado de forma aceitável, isto é, com reverência e temor piedoso, porquanto o Senhor é fogo consumidor (ver Hb. 12.28,29).

- O gloriar-se em Jesus Cristo é a porção particularmente “evangélica” da verdadeira adoração. Ela está centralizada em Cristo; e o texto subentende que isso significa que Cristo nos é todo-suficiente. Está em foco a dependência exclusiva a ele, mediante a graça, dentro do sistema da graça-fé, sem a necessidade das obras da lei.

- Cristo é o fator que dá ao cristianismo o seu caráter particular e que o distingue do judaísmo. Os “judaizantes” reduziam a importância da missão redimidora de Cristo, ao tentarem introduzir o legalismo dentro do sistema cristão, ao reduzirem a igreja a uma sinagoga, onde Jesus era aceito como o Messias, mas não como um personagem que realmente tivesse ultrapassado e posto fim à lei mosaica. Por essa razão é que nos gloriamos em Cristo Jesus, conforme a palavra *kauchaomai* indica. Nós nos ufamamos de Cristo, conforme esse vocábulo também pode dar a entender, longe de degradá-lo, reduzindo-se ao nível de Moisés, ou menos ainda, conforme os legalistas faziam. Cristo é a fonte originária da verdadeira retidão (ver Rm. 3.24,28); essa fonte não é a lei. Portanto, Cristo merece todo o nosso louvor. Os legalistas, entretanto, se vangloriavam na lei (ver Rm. 2.23), mas nós nos gloriamos no Senhor (ver 1Co. 1.31 e 2Co. 10.17) e em sua cruz (ver Gl. 6.14). Nunca nos gloriamos na lei, nos méritos humanos, nas cerimônias. Essas coisas não têm alma, e nem realmente podem tê-lo.

- A palavra “carne”, na parte final deste versículo, não indica “natureza má”, conforme algumas vezes se vê; antes, indica aqui apenas as “coisas humanas”, aquelas coisas que podem ser feitas pelo próprio homem, em favor do próprio, em contraste com a adoração e o serviço realmente espirituais, o que pode ser efetutado somente pelo poder do Espírito Santo, o que se diz que caracteriza os crentes legítimos. A ideia de “gloriar-se na carne” também figura em 2Co. 11.18 e Gl. 6.13,14). A “carne” é a natureza humana, despida do Espírito de Deus, o estado do homem não-convertido, que se ufana de si mesmo tão-somente.

- Muitas coisas podem estar envolvidas na ideia de confiar na carne: o orgulho nos antepassados, nos privilégios espirituais externos (conforme a descrição dos versículos que se seguem, no

presente capítulo), a satisfação dos impulsos sexuais depravados, mas também os supostos atos religiosos, realizados pelo esforço humano, como as cerimônias, os ritos, as observâncias legais, que podem existir e prosperar sem qualquer lealdade ao Senhor Deus, sem qualquer dedicação a Cristo, sem qualquer influência do Espírito Santo. Todas essas coisas são apenas manifestações da “carne”, da “natureza humana”, sem a ajuda do Espírito do Senhor. Portanto, tendem para o mal, ainda que não sejam coisas más por si mesmas, visto que levam o homem a gloriar-se nas coisas erradas e negam a verdadeira glória de Deus, que é efetuada por meio de Cristo Jesus.

- Conta-se a história de um jovem engenheiro que descobriu um erro nos cálculos relativos às tensões e fadigas, quando dos planos de construção da ponte de Quebeque. Suas advertências foram ignoradas, mas antes que a ponte pudesse completar-se, desmoronou no rio. Paulo apresenta-nos o “erro de cálculo” do sistema legalista. Ele informa-nos que há erro humano nesse sistema, não podendo resistir à pressão das exigências de Deus acerca da verdadeira santidade. Somente a própria santidade de Deus, dada aos homens na pessoa de Cristo, e formada em nós através da operação do Espírito Santo, o qual nos transforma segundo a imagem de Cristo, é aceitável aos olhos de Deus. Ora, sem essa santidade, ninguém poderá ver a Deus, no dizer de Hb. 12.14.

- Aquilo que depende das realizações humanas, tão-somente, não pode resistir à pressão das exigências divinas. No entanto, qualquer pessoa pode ser plenamente aceita por Deus, estando em Cristo (ver Ef. 1.6), porquanto então ele se acha no processo da espiritualização, sendo levados a compartilhar da própria imagem moral e metafísica do Senhor Jesus (ver Rm. 8.29). O próprio “eu” (a carne) é posto aqui em contraste com Cristo; e essa é a própria essência do evangelho de Paulo. Era um discernimento do qual nem todos participavam, como poucos deles participam, até hoje.

- Aplica-se aqui a confiança em qualquer descendência carnal, em privilégios de nascimento, como a descendência de Abraão ou a linhagem de Israel, por ser alguém desta ou daquela tribo e família, por haver nascido destes ou daqueles pais; e também não nos vangloriamos na circuncisão, em quaisquer ordenanças carnis ou cerimoniais da lei; e nem na retidão civil, moral ou leal, coisas essas apenas externas. Pois fazer tal seria fazer da carne um braço. Realmente, quando alguém confia em qualquer coisa, exceto em Jesus Cristo, já não pode ser encaixado dentro da descrição do caráter dos verdadeiros crentes em Jesus.

4 Ainda que também podia confiar na carne; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu:

- À primeira vista, parece que Paulo está se gabando de suas realizações. Mas, na verdade, ele está fazendo o oposto quando mostra que as conquistas humanas, por mais surpreendentes que sejam, não podem levar uma pessoa à salvação e à vida eterna com Deus. Paulo tinha credenciais impressionantes: origem, nacionalidade, formação familiar, herança, ortodoxia na religião, atividade e moralidade (2Co. 11 e Gl. 1.13-24).

- Entretanto, sua conversão à fé em Cristo (At. 9) não estava baseada no que havia feito, mas na graça de Deus. Paulo não dependia de suas próprias obras para agradar a Deus, porque até as mais notáveis credenciais estão longe de se comparar aos santos padrões divinos. Será que dependemos de pais cristãos, filiação à igreja ou apenas de sermos bons para tornamo-nos agradáveis a Deus? Credenciais, realizações ou reputação não trazem a salvação como um pagamento. A salvação vem pela fé em Cristo, é dom gratuito de Deus.

5 circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu,

- Ao dizer que foi circuncidado ao oitavo dia, Paulo estava dizendo ser cumpridor fiel da lei (Gn. 17.9-14; Lv. 12.3).

- Paulo pertencia à tribo de Benjamim, uma herança extremamente considerada pelos judeus. De sua tribo havia nascido o primeiro rei de Israel, Saul (1Sm. 10.20-24). As tribos de Benjamim e Judá foram as duas únicas tribos a retornar a Israel depois do Exílio (Ed. 4.1). Daí a expressão “hebreu de hebreus”, para significar que era ele um dos melhores israelitas.

- Paulo também era um fariseu, isto é, membro de uma devota seita judaica que escrupulosamente guardava suas próprias e inúmeras regras, além das leis de Moisés. Ouvintes judeus certamente teriam ficado impressionados com essas suas duas credenciais.

6 segundo o zelo, perseguidor da igreja; segundo a justiça que há na lei, irrepreensível.

- As histórias de Paulo como perseguidor da igreja são bastante conhecidas (At. 7.58; 8.1-3; 9.1-2; Gl. 1.13).

- Por que Paulo, um sincero e dedicado líder judeu, perseguia a igreja? Paulo pensava, assim como os líderes judaicos, que o cristianismo era uma crença herética e blasfema. Como Jesus não atendia às expectativas que tinham em relação ao Messias, Paulo presumiu que suas afirmações eram falsas – e, portanto, iníquas. Além disso, considerava o cristianismo uma ameaça política porque poderia romper a frágil harmonia entre os judeus e o governo de Roma.

- No cumprimento de todas as exigências do judaísmo – por ser de linhagem sem mistura – e quanto ao seu zelo fanático, ninguém o superava (Fp. 3.4-6; Gl. 1.13-14; 2Co. 11.22).

7 Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo.

- Todas as vantagens dos versículos 4 a 6, a honra e o respeito de que desfrutava entre os judeus, bem como o futuro que o aguardava no meio deles, Paulo considerou como perda por Cristo.

- Depois de mostrar que poderia vencer os judaizantes conforme as regras e padrões deles (pois demonstravam orgulho de sua identidade e realizações), Paulo mostrou que estavam errados. Devemos ter cuidado ao atribuir uma importância excessiva às realizações do passado, pois elas podem interferir em seu relacionamento com Deus.

- Em Cl. 2.20-23, Paulo deixa claro que certas coisas exteriores “têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum, senão para a satisfação da carne”. A consequência final de ser dominado pela carne é a morte (Rm. 8.6). O cristão é chamado a crucificar a carne e as suas obras e viver de acordo com o Espírito (Gl. 5.16).

8 E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo.

- Depois que Paulo avaliou o que havia conquistado em sua vida, disse que tudo aquilo era perda quando comparado à grandeza de conhecer a Cristo. Essa é uma profunda declaração a respeito de valores; o relacionamento de uma pessoa com Cristo é mais importante do que qualquer outra coisa. Conhecer a Jesus Cristo deve ser nosso supremo objetivo. Consideremos nossos valores: será que estamos colocando alguma coisa acima de seu relacionamento com Cristo? Se estamos agindo com prioridades erradas, precisamos reorganizá-las.

- Paulo descreve aqui o que descobrira desde o momento de sua conversão ao evangelho cristão e a Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. Daí por diante houve nova avaliação sobre a sua própria vida, e uma nova vida passou a pulsar em sua pessoa. Seu conceito de “vantagem e desvantagem” se modificou totalmente.

- Literalmente traduzida do grego, a frase inicial deste versículo (“na verdade, tenho”) diria “estou realmente me considerando”, pois no grego temos o verbo *egeomai*, que significa “pensar”, “considerar-se”, “reputar-se”. Isso fala de sua “avaliação necessária”, que estava de conformidade com a verdade recém-descoberta do Evangelho de Cristo. E o apóstolo usou esse verbo no tempo presente a fim de mostrar que se tratava de um exercício contínuo.

- “Todas as coisas”, correspondente à ideia de “isto”, a saber, aquilo que Paulo, anteriormente, considerara como “vantagem”, alguns de cujos aspectos são enumerados nos vv. 5 e 6.

- “Excelência”, no grego, é *uperecho*, que quer dizer “ultrapassar”, “colocar em elevado nível”, “exceder”, dando a ideia daquilo que é excelente, superior, dotado de extraordinário valor. O “conhecimento de Cristo” é reputado aqui como algo extremamente mais valioso, muito maior do que todas as coisas nas quais Paulo costumara vangloriar-se, quando ainda na incredulidade. Ora, era nessas mesmas coisas que os legalistas continuavam se jactando, visto que ainda não tinham tido a clara visão do valor e do significado de Jesus Cristo.

- Este texto revela o coração do apóstolo e a essência do cristianismo. O maior anseio na vida de Paulo era conhecer a Cristo e experimentar de modo mais íntimo sua comunhão e presença.

- Essa busca nos leva a conhecer a Cristo pessoalmente, bem como a seus caminhos, sua natureza e caráter, segundo a revelação da Palavra de Deus. O verdadeiro conhecimento de Cristo envolve ouvirmos a Sua palavra, seguirmos o Seus Espírito, atendermos a Seus impulsos com fé, verdade e obediência, e identificar-nos com Seus interesses e propósitos.

- Essa busca nos leva também a compartilhar das aflições de Cristo mediante a abnegação, a crucificação da carne e o sofrimento por amor a Cristo e à Sua causa (Fp. 1.29; At. 9.16; Rm. 6.5-6; 1Co. 15.31; 2Co. 4.10; Gl. 2.20; Cl. 1.24; 1Pe. 4.13).

- Essas palavras podem ser comparadas com os vv. 11 e 12 deste capítulo. Em outras palavras, agora o apóstolo percebia quão exaltado era o seu chamamento, procurava mostrar-se à altura do mesmo – e o alvo disso era que Cristo viesse a controlá-lo plenamente, possuindo-o como instrumento inteiramente Seu.

- Neste ponto, o “conhecimento” ultrapassa em muito ao mero conhecimento intelectual acerca de Jesus Cristo. Trata-se muito mais do conhecimento experimental que o crente deve ter do

próprio Cristo, mediante a comunhão com ele. Portanto, está em foco a familiaridade e o contato amigável com ele.

- Essa comunhão com Cristo atua como poder transformador, conduzindo-nos de um degrau de glória para o próximo, até atingirmos a Sua própria imagem, em que vamos sendo espiritualizados de modo a compartilharmos de sua divindade (ver 2Pd. 1.4; Cl. 2.9-10; Ef. 1.23 e 3.19) e de toda a plenitude de Deus.

- É de se notar que Paulo reafirma a Cristo como seu Senhor. É impossível alguém conhecer a Cristo em qualquer sentido, antes da sua conversão. Muito menos ainda podem ser entendidos os níveis mais elevados e exaltados da salvação, se alguém não o conhece como seu “Senhor”. O indivíduo que diz que confia em Cristo, mas que tem como senhor o seu próprio “eu”, na realidade não é um crente regenerado. É impossível que alguém tenha a Cristo como seu Salvador, se também não o reputa ao Senhor.

- Quando Paulo diz neste versículo que sofreu a perda de todas as coisas e as considerou como esterco por Cristo, temos aqui uma símile baseada na vida dos marinheiros, os quais, quando ameaçados de naufrágio, lançam, borda a fora, tudo quanto podem para que o navio seja aliviado da carga, para que possam atingir o porto em segurança. Paulo, portanto, estava preparado a perder tudo quanto possuía, contanto que não fosse privado de Cristo.

- Deve-se notar que Paulo considerava as coisas como uma perda (ver o versículo anterior); mas neste presente versículo lemos que ele realmente perdeu essas vantagens. Quaisquer vantagens e qualquer prestígio que ele tivesse tido como judeu, havia perdido, já que agora era reputado como o pior dos hereges, sendo caçado de cidade em cidade, por aqueles cujo intuito era fazê-lo desaparecer da face da terra. No dizer de Adam Clarke, é como se Paulo houvesse declarado: “Escolhi voluntariamente a Cristo, com sua cruz, sua pobreza e seu opróbrio; por causa disso, sacrifiquei voluntariamente tudo quanto tinha da parte do mundo, tudo quanto poderia esperar dele”.

- Parece haver aqui certo jogo de palavras. Essas vantagens eram perdas; sendo assim, Paulo sofrera a perda delas; mas a perda de uma perda é um ganho. Paulo se desfizera de seus privilégios como judeu e como fariseu. E sua expressão se eleva como um trunfo santo.

- O tempo do verbo “perdi” no original (aoristo) aponta para o momento definido de sua conversão. Naquela crise momentânea é que ele perdeu suas possessões legais.

- “Esterco”, no original grego, é *skubalon*, palavra de origem incerta, mas que alguns estudiosos pensam ser a contração da expressão *eskunas ballo*, que significa “lançar aos cães”, conforme se faz com lixo. Ou, então, deriva de *skor*, que significa “lixo”, “refugo”. As traduções geralmente refletem uma ou outra dessas possibilidades; mas, no presente, é impossível determinar a tradução correta. Na literatura grega, essa palavra era usada para indicar ambas as coisas. Sem importar o que Paulo tivesse querido dizer exatamente, o inegável é que a declaração é perfeitamente enfática. Tudo quanto os elementos legalistas consideravam dotados de grande valor, tudo quanto propagavam como tal, no seio da igreja cristã, o apóstolo dos gentios reputava inútil e repugnante, como lixo que pode ser lançado aos cães, como refugo lançado no monturo. Trata-se de uma afirmativa fortíssima, reversão total das ideias de Saulo de Tarso, quando ele dava tanto valor à religião legalista, à qual se dedicara de toda a sua alma (ver Gl. 1.14).

- “Ganhar”, no original grego, é *kerdaino*, traduzido como “ganhar” aqui e em Mt. 16.26; 18.15; Mc. 8.36 e 1Co. 9.19-22; “ganhos” em 1Pe. 3.1; “granjear” em Mt. 25.17,20,22 e Lc. 9.25; e “evitar perda” em At. 27.21.

- Para alguém ganhar o verdadeiro “ganho” é mister desfazer-se do esterco, que antes reputava como lucro. Assim fez Paulo. Portanto, “ganhar a Cristo” é equiparado com a participação em Sua ressurreição, em Sua forma de vida eterna (ver os vv. 10 e 11), em Suas perfeições (ver o v. 12), em Seu prêmio eterno da vida imortal, a completa salvação, por cuja causa Cristo o tinha conquistado (ver os vv. 13 e 14). Ora, Paulo considerava que, para alguém obter essa vantagem espiritual, é mister a agonia verdadeira da perseverança, - tal como sucede nas competições atléticas; pois essa metáfora domina os versículos seguintes. Neste ponto o apóstolo exibe uma certa hesitação, não querendo jactar-se do quanto havia ganho, e nem fazendo declaração peremptória sobre a certeza do seu sucesso nessa inquirição eterna. Contudo, mostrou-se perfeitamente positivo acerca de certa verdade, a saber, que ele se encontrava naquela competição a fim de ser vencedor. É o próprio Cristo – Sua perfeita imagem, Suas gloriosas perfeições – que ele (Paulo) desejava conquistar, e não meramente o seu favor.

- Naturalmente, quando da conversão, um homem já possui a Cristo, embora de maneira preliminar e incompleta. Somente a glorificação realmente nos fará possuir a Cristo. Mas como ele nos é dado durante esta existência terrena, depende de como correremos. Essa é a teologia paulina (2Co. 5.10).

- Nada há de mecânico ou fixo no tocante à nossa comunhão com Cristo. É verdade que essa comunhão pode ser interrompida através da diminuição do zelo, mediante a intrusão da atitude mundana, devido à tolerância a pecados conhecidos, por causa do domínio da vontade própria sobre o crente, além de outras incontáveis causas. Por conseguinte, para conservarmos essa comunhão com Cristo, precisamos estimar as coisas terrenas de conformidade com o Seu verdadeiro valor. Por essa razão é que Paulo considerava o ‘ganhar a Cristo’ tanto como algo presente quanto como algo futuro, e não como um ato passado.

- Cumpre-nos observar que o Novo Testamento jamais fala da graça salvadora através de quaisquer termos pejorativos; pelo contrário, representa-a como fruto do Espírito Santo, como a imagem de Deus, formada na alma humana; como a natureza divina e a descendência de Deus.

- Com o uso dessa expressão, pois, Paulo dá a entender que não poderíamos mesmo ganhar a Cristo de outra maneira, senão mediante a perda de tudo quanto possuímos. Pois ele quer que sejamos ricos somente de Sua graça (Mc. 8.35-36).

9 e seja achado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus, pela fé;

- Ser achado nEle tem relação com o que Paulo escreveu em 2Co. 5.17-18 (“...se alguém está em Cristo...”). A busca por conhecer a Cristo também implica ser achado em Cristo, isto é, ser unido e ter comunhão com Ele produz a justiça que somente é experimentada como dom de Deus (Fp. 1.10-11; 1Co. 1.30).

- Essa expressão pertence à mesma categoria da expressão “em Cristo”, porquanto também fala de nossa união com o Senhor (ver Rm. 6.3), de modo a ficarmos identificados com ele (ver o trecho de 1Co. 1.4, acerca da expressão “em Cristo”, usada por nada menos que 164 vezes no escrito de Paulo, servindo de nota chave da teologia paulina, a qual faz da “justificação pela fé”

uma doutrina não apenas teológica, mas também uma realidade na experiência do crente). Fala de comunicação de vida, para que, através da operação do Espírito, possamos ser espiritualizados, para que compartilhemos do mesmo tipo de vida, essência, ou forma de vida que o próprio Cristo possui. A nossa estadia “nele” não é meramente pelo propósito de companheirismo. Ao invés disto, o grande intento é que a presença do Espírito, que garante um companheirismo, deve espiritualizar completamente nossos seres, dando-nos a própria natureza celestial de Cristo. A união com ele dá entrada a uma comunidade de natureza compartilhada na divina família.

- Alguns estudiosos acham que há aqui certa referência escatológica, como se Paulo tivesse dito “para ser achado nele”, isto é, no último dia, no dia de Cristo. (ver Fp. 1.6). É necessário incluir esse aspecto; mas Paulo já se achava “em Cristo”. Por conseguinte, Paulo já exercia todas as funções de sua vida, em Cristo. Em comunhão com Ele é que se arraigam a nossa confiança (ver Fp. 2.19,24), a nossa alegria (ver Fm. 20). É em Cristo que o crente fala (ver Ef. 4.17); que o crente executa o seu ministério (ver Cl. 4.17); que o crente mantém unanimidade com outros (ver Fp. 4.2); e que o crente obedece a outro (ver Ef. 6.1). É em Cristo que o crente é fortalecido e pode fazer todas as coisas (ver Ef. 6.10 e Fp. 4.13)”.

- A justiça do crente consiste, em primeiro lugar, em ser perdoado do pecado, justificado e aceito por Deus, mediante a fé (Rm. 4.5). A justiça do homem não é suficiente (Is. 64.6; Lc. 18.9-14; Rm. 10.1-13).

- Nossa justiça, no entanto, é mais do que isso. A Palavra de Deus declara que nossa justiça é Cristo, o próprio Senhor Jesus, habitando em nosso coração (Fp. 1.20-21; Rm. 8.10; 1Co. 1.30; Gl. 2.20; Ef. 3.17; Cl. 3.4). No Antigo Testamento o Messias é referido como o “Renovo justo” e “O Senhor Justiça nossa” (Jr. 23.5-6). Noutras palavras, a justiça que possuímos não é de nós mesmos, mas de Jesus, em quem colocamos a nossa fé (1Co. 1.30; Gl. 2.20). Mediante a presença dEle em nós, tornamo-nos nEle “justiça de Deus” (ver 2Co. 5.21).

- O fundamento da nossa salvação e nossa única esperança de justificação é a morte sacrificial de Cristo e Seu sangue derramado no Calvário (Rm. 3.24; 4.25; 5.9; 8.3-4; 1Co. 15.3; Gl. 1.4; 2.20; Ef. 1.7; Hb. 9.14; 1Pe. 1.18-19; 1Jo. 4.10) e Sua vida ressurreta dentro do nosso coração (Rm. 4.22; 4.25; 5.9-10; 8.10-11; Gl. 2.20; Cl. 3.1-3). A justiça de Deus vem por meio de Cristo (1Co. 1.30) e pela fé (Gn. 15.6; Rm. 3.22-26; 4.1-25; 9.30-31; 10.1-13).

- Nenhuma medida de obediência à lei, aperfeiçoamento próprio, disciplina ou esforço religioso poderá nos tornar agradáveis a Deus. A justiça vem somente dEle. Tornamo-nos justos (adquirimos uma correta posição perante Ele) pela confiança em Cristo. Ele troca nossos pecados e fraquezas por Sua perfeita justiça (2Co. 5.21).

- Temos aqui uma declaração que condiz com a teologia paulina pura, conforme ela é demonstrada nas epístolas aos Romanos e aos Gálatas. E a passagem de Rm. 3.20 expõe o pensamento contrário, que a justiça ou retidão pessoal não é suficiente diante de Deus. Conforme se aprende em Rm. 4.2, Abraão não foi justificado pelas obras da lei. Se porventura pudesse haver uma lei que transmitisse vida eterna aos homens, a vida nos teria sido conferida desse modo (ver Gl. 3.21). Mas o indivíduo é justificado independentemente das obras da lei (ver Rm. 3.28). A retidão verdadeira não é a do homem, mas deve ser a justiça de Deus, conferida ao homem (ver Rm. 3.21). Essa justiça tem primeiramente certo aspecto “forense”, ou seja, temos boa posição diante de Deus, em Cristo Jesus, por decreto divino; mas, segundo lugar, essa justiça também nos é realmente infundida, pelo poder do Espírito Santo (ver Gl. 5.22-23), de tal modo

que chegaremos a possuir a própria natureza (ver Mt. 5.48). Somente essa forma de justiça ou retidão é adequada para que alguém seja admitido aos lugares celestiais.

- Paulo não procura expandir ou ilustrar aqui esse tema, o que significa que os seus leitores estavam bem informados sobre a natureza dessa doutrina; precisavam apenas ouvi-la, para que soubessem sobre o que Paulo estava falando. Tendo recebido o ensinamento de Paulo, já estavam bem armados contra as astúcias dos “judaizantes”.

- A própria fé é um dom de Deus. As obras que fazemos são predestinadas pela vontade divina. Ver Ef. 2.10 sobre estes conceitos. Ver Fp. 2.12 para o lado humano do plano redentor.

- A retidão humana é de natureza legalista, não sendo mística e nem possuindo qualidade imitativa. Também não é da qualidade requerida, isto é, da qualidade divina. Até mesmo em suas mais elevadas expressões jamais poderá transformar-se na qualidade exigida por Deus. Deus precisa formar-se a Si mesmo no homem (ver Ef. 3.19), a fim de que este possa compartilhar de toda a plenitude de Deus; mas isso está completamente fora do alcance da inquirição legalista.

- Não devemos entender aqui apenas a retidão que tem Deus como sua fonte originária, embora também isso seja uma verdade, e, sim, a natureza santa do próprio Deus, visto como algo infundido nos homens. O fato central da vida e do pensamento religioso de Paulo é a completa identificação do crente com Cristo.

10 para conhecê-lo, e a virtude da sua ressurreição, e a comunicação de suas aflições, sendo feito conforme a sua morte.

- Temos aqui uma das grandes declarações paulinas, bem conhecida por todos aqueles que se interessam pelo N.T., e que ilustra uma profunda entrega pessoal a Cristo e dedicação a ele: a ideia da necessidade de “conhecer a Cristo”. Já mencionamos o conceito do “conhecimento” de Cristo, como a motivação todo-consumidora da vida de Paulo, nos comentários ao v. 8, acima, o que também pode ser confrontado com o trecho de Ef. 1.17, onde o “conhecimento de Deus” é o objeto de uma sublime oração de Paulo.

- Conhecer a Cristo é a vida eterna, conforme Jesus deixou claro em Jo. 17.3. Esse conhecimento sempre é mais profundo que o mero conhecimento intelectual. Paulo não falava sobre a necessidade de alguém tornar-se um melhor teólogo intelectual, que reúne em sua bagagem grande número de proposições corretas acerca de Cristo e de Deus Pai. Antes, esse conhecimento é “experimental”, envolvendo a alma, o entendimento místico, o que, mui naturalmente, leva o crente a uma comunhão maior com o Senhor, o que também é “conhecimento”. Duas pessoas que vivem juntas por longo tempo, como marido e mulher, mediante sua comunhão particularmente íntima, chegam a conhecer-se mutuamente como não se pode igualar através de qualquer outro companheirismo. Ora, esse conhecimento é mediado pelo “amor”, e até mesmo pelas relações místicas, conforme Paulo dá a entender que também se verifica no matrimônio (ver Ef. 5.30-31). O conhecimento mediado pelo amor é a *gnosis* cristã.

- Esse conhecimento de Cristo é igualmente um poder transformador, porque, ao conhecê-Lo, vamos sendo transformados à sua semelhança. Portanto, uma possível interpretação dessa ideia é aquela que diz: “Para que eu venha a conhecer a Jesus Cristo, para que me torne como ele”.

- Conhecer Cristo é conhecer ao Pai (ver Jo. 17.3). Essa mesma referência mostra que isso equivale a possuir a vida eterna (ver as notas a respeito em Jo. 3.15). Essa vida começa agora; e

termina na visão beatífica da alma, quando, contemplando a pessoa de Deus, a alma é transformada de modo a compartilhar da própria natureza divina (ver 2Pe. 1.4). E isso significa que a alma passará de um estágio de glória para outro, em um processo permanente (ver 2Co. 3.18). Portanto, “conhecer Cristo” é, em sentido pleno, chegar a possuir a salvação; e isso se aplica ao presente, por ocasião da conversão, como também à santificação e por toda a eternidade, quando da glorificação (ver Hb. 2.3).

- Em sentido bem geral, podemos dizer que o “conhecer Cristo” inclui todos os benefícios que Ele nos dá, em nosso relacionamento e experiências com ele, tanto agora como por toda a eternidade.

- Tudo quanto mais é dito, no presente versículo – a virtude de Sua ressurreição, a comunicação de Suas aflições, a conformação com a Sua morte, a participação em Sua ressurreição (ver o v. 11 deste Capítulo), e, finalmente, a obtenção do grande prêmio da vida eterna, em perfeita transformação segundo a Sua imagem (de glória em glória, mediante a atuação do Espírito Santo; ver 2Co. 3.18) – são elementos desse “conhecer a Cristo”, expandindo o pensamento deste versículo.

- A busca por conhecer a Cristo nos leva a conhecer o poder da Sua ressurreição, isto é, experimentar a renovação da vida espiritual, o livramento do poder do pecado (Rm. 5.10; 6.4; Ef. 2.5-6) e o poder do Espírito Santo para levar a efeito um testemunho eficaz, a cura, os milagres e, finalmente, a nossa própria ressurreição dentre os mortos (Fp. 3.11; Ef. 1.18-20).

- Paulo ansiava pela ressurreição do corpo, como podemos ver também em Fp. 3.11,21, 1Co. 15 e 2Co. 5. Paulo desistiu de tudo – família, amigos e liberdade – a fim de conhecer a Cristo e o poder de Sua ressurreição. Nós também temos acesso a esse conhecimento e a esse poder, mas talvez tenhamos que fazer alguns sacrifícios para que possamos desfrutá-los inteiramente. Do que estamos dispostos a desistir a fim de conhecer a Cristo? Podemos desistir de uma agenda repleta de compromissos, da aprovação dos amigos, dos planos ou dos prazeres, para reservar alguns minutos para a oração e para o estudo da Bíblia? Devemos nos lembrar que Cristo vale muito mais do que qualquer sacrifício.

- Quando nos tornamos um em Cristo, por nossa confiança nEle, experimentamos o poder que O ressuscitou dos mortos. Esse mesmo poder supremo nos ajudará a viver moralmente renovados e regenerados. Mas antes de podermos caminhar nessa nova vida, temos que morrer para o pecado. Assim como a ressurreição nos dá o poder de Cristo para vivermos por Ele, Sua crucificação registra a morte de nossa antiga natureza pecaminosa. Não podemos conhecer a vitória da ressurreição sem termos aplicado a crucificação à nossa vida pessoal.

- Esse poder começa em nós agora mesmo, na conversão e na santificação. Em nossa identificação com Cristo, em Sua morte, conquistamos o pecado e os vícios. Dominamos aquilo que é terreno e temporal. Em nossa identificação com a Sua vida, adquirimos uma nova expressão espiritual, passamos a viver para o que é eterno, e vamos sendo moral e metafisicamente transformados, segundo a Sua imagem. Trata-se do batismo espiritual, mencionado em Rm. 6.3.

- Quando Cristo saiu do sepulcro, trazia em Si uma nova forma de vida, uma nova expressão de espiritualidade. E assim abriu o caminho para a posse das virtudes espirituais, as quais nos outorgam a Sua natureza moral. O Espírito Santo cultiva essas virtudes em nós (ver Gl. 5.22,23); e assim Ele é quem produz em nós a natureza moral de Cristo. Paulatinamente vamos compartilhando das perfeições morais do Pai (ver Mt. 5.48).

- A ressurreição de Cristo levou-o à Sua ascensão, e isso fala de nossa futura identificação com Ele, nos lugares celestiais. Em Cristo é que seremos glorificados, participantes de Sua herança (ver Rm. 8.17,30). O poder de Deus repousava sobre Cristo; e, na qualidade de filhos de Deus, repousa igualmente sobre nós. Portanto, participamos da morte, da ressurreição, da ascensão e da glorificação de Cristo.

- Paulo mui provavelmente alude aqui especificamente à “nossa experiência presente”, embora sem nunca olvidar-se dos benefícios a longo prazo. Agora mesmo o Seu poder repousa sobre nós e nos vai transformando. Atua sobre nós (convertendo, santificando e dando-nos a revolução moral); mas também opera através de nós, na atuação de nossas respectivas missões. Paulo fez surgir a igreja de Cristo no mundo gentílico quase sozinho. Era o poder da ressurreição que nEle operava. Ele trabalhou mais abundantemente que todos os outros (ver 1Co. 15.10). Era o poder da ressurreição que fazia isso.

- A comunicação das aflições de Cristo não significa que os cristãos terão comunhão com Ele em Seu sofrimento vicário, naturalmente, mas na vergonha da cruz e no martírio por causa da verdade (2Co. 1.5-7; Cl. 1.24; 1Pe. 4.13).

- Não é por coincidência que a ressurreição precede às aflições, pois desde que nos foi conferida essa “nova vida”, somos passíveis de participar dos sofrimentos de Cristo, enquanto ainda nos encontramos nesta dimensão terrena. Tais sofrimentos servem de instrumentos, de agentes purificadores e aperfeiçoadores da vida do crente; fazem parte do processo da santificação, como aliados da nossa transformação gradual, segundo a imagem de Cristo.

- A fé une o crente aos sofrimentos de Cristo. Na presente passagem encontra-se o mais profundo segredo da experiência cristã dos apóstolos, desvendado. No processo de seus sofrimentos em favor de Cristo, o crente via sendo libertado de si mesmo, vai sendo levado a perceber o grande valor da vida que ele possui em Cristo. Isso altera radicalmente as suas ideias sobre o valor das coisas terrenas, disciplinando-o a buscar as realidades celestiais e eternas. Tribulações e perseguições, por conseguinte, são coisas dotadas de grande valor, dependendo tudo do modo como as recebemos. Os apóstolos primitivos de Cristo regozijaram-se no fato de terem sido julgados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Cristo, conforme se lê em At. 5.41.

- Os sofrimentos dos crentes são chamados aqui de “comunicação” (ou “comunhão”), por tratar-se de algo que o crente compartilha com Cristo, preenchendo aquilo que ainda precisa ser adicionado a seus sofrimentos (ver Cl. 1.24). Isso não quer dizer que o crente tenha qualquer coisa a fazer que aprimore a expiação, ou que os seus sofrimentos lhe confirmem algum mérito; não obstante, sofrer por Cristo faz parte da nossa comunhão com ele, sendo o sinal confirmatório de que pertencemos a Ele. Alguns intérpretes, no entanto, pensam poder ver aqui uma alusão à doutrina da expiação, como se por seus próprios sofrimentos, em favor de Cristo, o homem pudesse fazer expiação de seus pecados. Dificilmente isto estaria em foco, mas a participação nos sofrimentos, em favor de Cristo, é a ideia central da passagem; e isso visto do ponto de vista que assim é criada a comunhão com Cristo e a simpatia com ele e da parte dele. No dizer de Vincet: “Estar alguém em Cristo envolve a comunhão com ele em todos os pontos, em sua vida de obediência, em sua atitude, em seus sofrimentos, em sua morte e em sua glória”.

- “Conforme”, no original grego, é *summorphoo*, podendo ser traduzido por “ser feito conforme” ou “ser formado como”. Esta é a única referência a esta palavra em toda a Bíblia. Paulo queria conhecer a Cristo e o poder que agiu em Sua ressurreição e compartilhar de Seus sofrimentos, até mesmo morrer como Cristo havia morrido.

- Essa conformação com a morte de Cristo tem um aspecto forense. Isto é, Deus considera que fomos crucificados com Cristo, porquanto o pecado foi eliminado de nós, visto que a expiação se concretizou. Mas também há um aspecto diário e prático nessa conformação com a morte de Cristo. Vamos morrendo para o pecado e vivendo para Deus, que é a mensagem central de Rm. 6 (ver igualmente a declaração de Paulo em 1Co. 15.31: “Dia após dia morro!”, na qual Paulo mostra-nos que essa vida em Cristo é uma espécie de morte em vida, visto que vivia constantemente sob a ameaça de perder a própria vida).

- Ir-se conformando à morte de Cristo, do presente ponto de vista espiritual, significa “viver a vida de um mártir”. Aquele que dá diariamente a sua vida é aquele que demonstra suprema dedicação. Os “mártires diários” vivem para o mundo eterno, pois estão mortos para o presente sistema maligno, com seus muitos vícios e degradações. Os mártires espirituais buscam aquelas coisas que são de cima (ver Cl. 3.1); ao mesmo tempo, porém, servem aos seus semelhantes, pois vivem segundo a lei do amor. O amor é a grande prova da espiritualidade, e se origina no novo nascimento (ver 1Jo. 4.7). Os mártires espirituais, por assim dizer, não têm vida própria, porquanto morreram para o egoísmo. São esses que cumprem o mandamento que estipula: “Toma a tua cruz, e segue-me!” (Mc. 8.34).

- Doze grandes desejos de Paulo são expostos neste capítulo: 1) ganhar a Cristo (v. 8); 2) ser achado nEle (v. 9); 3) ter Sua justiça (v. 9); 4) conhecê-Lo (v. 10); 5) conhecer Seu poder (v. 10); 6) comunicação de suas aflições (v. 10); 7) ser feito conforme à Sua morte (v. 10); 8) estar na primeira ressurreição (vv. 11-12); 9) ser perfeito (vv. 12-13); 10) ganhar o prêmio (v. 14); 11) ser um com todos os outros crentes (vv. 15-19); 12) ter o corpo transformado (v. 21).

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. Editora Hagnos, v. 5, 2002.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A atualidade dos conselhos paulinos**.. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.

- NEVES, Natalino das. **A atualidade dos conselhos paulinos**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.

- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.

- OLIVEIRA, Euclides de. **A atualidade dos conselhos paulinos**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.

- CABRAL, Elienai. **Lições bíblicas: Filipenses – A humildade de Cristo como exemplo para a Igreja**. Editora CPAD, 2013.

- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.